

30 ANOS DO PROGRAMA LEADER

MINHA TERRA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE
ASSOCIAÇÕES DE DESENVOLVIMENTO LOCAL



HISTÓRIA DO DESENVOLVIMENTO LOCAL NA 1ª. PESSOA

MIGUEL FREITAS

PRESIDENTE DA COMISSÃO DE
ACOMPANHAMENTO LEADER II 1998/2000





● Laços e nós que nunca se desatam!

|

Memórias.

Memórias de percursos longos, com altos e baixos, entre o que fomos e o que somos, onde estivemos e o que fizemos, entretanto, o que ficou. Memórias, sempre difíceis de reescrever, umas porque se perderam, outras só porque teimam em ficar onde estão, outras, ainda, que de tão boas que são, surgem de tal forma fulgurante que não sabemos se foram tal e qual como as vemos e sentimos ou objeto da nossa imaginação. Memórias e rugas fazem o seu caminho e são parte de nós com que aprendemos a viver. Confesso: raramente regresso ao mesmo lugar à procura de emoções e sensações que vivi ou que perdi. Acredito muito mais no futuro do que no passado.

E, de repente, alguém puxa por nós em jeito de desafio e nos pede, num tom muito leve e irrecusável, e por motivos de celebração de algo superior, que sejamos capazes de partilhar memórias. Neste caso, memórias felizes, onde reencontro, sem esforço, rostos feitos de olhares profundos e risos abertos, cheios de brilho e de espanto, à procura de horizontes longínquos, num movimento nem sempre sincronizado mas de passos convictos, de quem sabe que a aventura e o risco são parte de um território que nos apela e, apesar das incertezas, das intrusões, dos obstáculos e das desilusões, avança e avança, com pequenos projetos de todos os que se juntam e empreendem e ganha estatuto de marcante e indispensável. É este o registo mais impressionante das minhas memórias com o movimento de desenvolvimento local em Portugal.

Os rostos têm nomes, mas são tantos e tão importantes aqueles com quem convivi que se alguns citasse me arriscaria a deixar muitos de fora. Por isso e só por isso, não farei qualquer alusão nem destaque. Mas se alguns deles tiverem a paciência de ler este testemunho tenho a certeza de que se vão rever nele. Os momentos de cumplicidade e partilha foram tantos e tão fortes. Terei de deixar alguns, os que a minha memória permitir, sem qualquer sentido cronológico ou de relevo.



Devo começar por afirmar que o movimento de desenvolvimento local e o programa LEADER foi o lugar onde mais aprendi sobre a necessidade da participação para a ação, do método para a escolha, do envolvimento para a concretização, da organização para o objetivo comum. Há conceitos que me perseguem desde então: “bottom-up”; “focus grupo”; “territorialização”; “subvenção global”. Traduzindo: potenciar a energia que transmite o local, ouvir e aprender com os outros, conhecer e trabalhar no concreto, ter confiança e dar segurança aos que fazem. Procurei aplicar estes princípios ao longo dos muitos percursos que fiz.

Certamente, partilhar um momento de fundação é sempre algo relevante. Aconteceu estar como Diretor-Geral do Desenvolvimento Rural quando se concretizou a vontade de um conjunto alargado de associações de constituir a Federação “Minha Terra”. Se a memória não me traiçoa, houve algumas conversas que antecederam essa decisão, em que me foi transmitido o entusiasmo dos que estavam por trás desse evento criativo. Nunca deixei de ouvir e procurar corresponder ao que esperavam de mim.

De tanto ouvir e partilhar - é certo que foi sempre fácil com a mesa carregada de guloseimas - há um outro evento para memória futura: a “Mostra do Mundo Rural”, que se realizou na FIL, em Lisboa, onde se receberam o Presidente da República, Jorge Sampaio, entre vários membros do Governo. Decorria o LEADER II e foi, de facto, um momento de grande afirmação da capacidade de fazer do movimento de desenvolvimento local português e dos seus extraordinários dirigentes e técnicos. Tenho muito orgulho em ter lá estado.

E, como se fosse possível conseguir melhor, na mesma semana, pude testemunhar nos Açores como se organizou a mais mirabolante Comissão de Acompanhamento do LEADER, a começar no Faial, com uma mesa sobre um tapete de flores inesquecível, uma viagem tormentosa de barco entre ilhas que nos ligou ainda mais, visitas a projetos impensáveis, de iniciativa pública e privada, e, em cada momento, a simpatia de quem sabe acolher com simplicidade, mas com enorme generosidade. Desde aí, nunca mais desliguei dos Açores.



Foi com o programa LEADER e os seus protagonistas que dei volta ao país, que conheci o interior e o interior do interior, onde vi projetos nascidos de sonhos de gente simples mas de coração enorme com quem tive o privilégio de estar, de viver momentos fugazes mas ricos de estórias contadas na primeira pessoa, de saber como se pode recuperar património com alma por dentro, como se podem criar experiências inovadoras a partir das coisas mais singelas, como se pode melhorar a vida de alguém com um pequeno apoio bem orientado, como se pode vencer a última fronteira do abandono.

Neste percurso tenho uma experiência notável, inesquecível, partilhada com uma associação de desenvolvimento local do Alentejo e com o gestor do LEADER II, o Engenheiro Nuno Jordão, de uma ida a Tiznit, no sul de Marrocos, que vos deixo, pois foi outra lição que me ficou para a vida. Numa visita a um projeto de regadio, numa aldeia recôndita, onde nos explicaram como tinham conseguido instalar um olival comunitário de cerca de 5000 hectares, numa zona pré-desértica, com um extraordinário trabalho de emparcelamento e mobilização de financiamento junto dos emigrantes espalhados pela europa, a certa altura interpelei o “aguadeiro” – o homem que era responsável pela separação de águas - perguntando-lhe o que mais precisava para dar cumprimento à sua missão de vigilante daquele precioso recurso. Com olhos vivos, pediu-me um “casquete” com uma lâmpada para levar na cabeça e assim libertar a mão da lanterna, para poder usar melhor o pau contra os “ladrões de água”. Fantástico: só aquele homem sabia a tecnologia que lhe podia mudar a vida. Tão simples que é. As respostas adaptativas do desenvolvimento local são universais. Chegados a Lisboa, solicitei que fosse comprado e enviado o capacete. Encontraria, mais tarde, o jovem dirigente dessa cooperativa no pavilhão das ADL na Ovibeja. Tinha ficado uma ligação de cooperação entre estas terras distantes, mas tão semelhantes.

Foi, assim, que cresceu em mim o intenso mundo das pequenas coisas e o espaço rural inundou definitivamente a minha vida. Já não via apenas as árvores, os pastos e as espigas...



Da passagem pela Secretaria de Estado das Florestas e do Desenvolvimento Rural houve a retoma das relações a nível nacional, dos encontros em Vinhais e em Évora, das múltiplas reuniões e das muitas conversas informais. Reconheço que não foi um tempo tão virtuoso como poderia ter sido, por exclusiva responsabilidade minha. A agenda florestal absorveu quase por completo esse tempo. É certo, também, que o momento não dava muito espaço à criatividade pois o PDR2020 estava numa fase muito adiantada de compromissos e a margem de manobra das associações quase fechada. No entanto, criaram-se condições para alargar a influência do movimento em programas como os Jovens Empresários Rurais, a Agricultura Familiar e a diversificação de atividades no domínio florestal.

Mas, verdadeiramente, o que importa é o presente futuro, já que estamos num momento de ruturas profundas, onde creio que o papel do movimento de desenvolvimento local se pode projetar e ganhar folgo para imensos voos, porque muitas das ideias defendidas e ideais preconizados fazem parte deste novo tempo em construção, em que o empreendedorismo económico e social tem de integrar princípios de humanismo, justiça, colaboração e solidariedade, em que a multifuncionalidade e a pluriatividade são alicerce de projetos e ações, em que a ecologia reposiciona e faz reconsiderar o valor do glocal, em que se reinventa o valor da proximidade e a criação de “comunidades íntimas” entre o rural e o urbano, em que a capacidade de comunicação e compreensão se expande do físico ao virtual e sente-se que o impossível é alcançável.

É um tempo de esperança! Acredito que temos de retomar o caminho, ainda com mais convicção. O movimento de desenvolvimento local em Portugal, a partir das experiências que vivenciou, dos inúmeros projetos em que se encontra envolvido, do património e identidade que criou, da parte que já faz da consciência coletiva, tem um espaço enorme de oportunidades para crescer e para se reafirmar como um protagonista de transição, simbiose e mudança, com o sentido de sempre: tradição, integração e inovação.

Miguel Freitas

Memórias (contidas) de um amigo de sempre